

Os empiristas ingleses

John Locke

(1637-1704), para ele a beleza não é uma qualidade das coisas em si, é um sentimento na mente de quem as contempla. Uma vez que os julgamentos de beleza não se referem a nenhum objeto fora do sujeito, somente ao sentimento de prazer trazido à tona pela percepção do objeto, eles só se referem a si mesmos. Sua verdade ou falsidade depende apenas da presença ou da ausência de prazer na mente de quem os percebe. Parece, então, que não pode haver um padrão de gosto, pois, assumindo que somos capazes de detectar a presença e a ausência de prazer em nossas mentes, todos os julgamentos de beleza serão verdadeiros e, por isso, todos os gostos igualmente válidos. Toda a composição criada pelo artista se insere dentro de um ideal clássico em que a ordem, a clareza e a lógica são de suma importância.

David Hume

(1711-1776) apresenta uma divisão do "mecanismo do gosto" em dois estágios: • o primeiro estágio é perceptivo, isto é, aquele em que percebemos qualidades nos objetos; • o segundo é um estágio afetivo, no qual sentimos o prazer da beleza ou o desprazer da "deformação", ativados pela percepção dessas qualidades. Uma vez que passamos pelos dois estágios para chegar ao julgamento da beleza, as diferenças nesses julgamentos se dividem em duas categorias: • as que surgem somente no estágio 2 e que são puramente afetivas; • as que surgem no estágio 1, tendo origem na percepção. Quando as diferenças de gosto são puramente afetivas, não podemos considerar um gosto superior ou inferior ao outro, como sustentava Locke. Quando, entretanto, as diferenças decorrem da percepção, podemos ter um padrão para considerar um gosto superior ao outro. Segundo ele, temos um padrão para preferir certas percepções e não outras. O fato de existirem obras de arte universais, que agradam a muitas pessoas por séculos e em várias partes do mundo, demonstra que a mente naturalmente tem prazer na percepção de certas propriedades, o que significa que a mente opera a partir de "princípios de gosto". Hume aponta duas fontes da diferença de gosto: os diferentes humores dos indivíduos e as diferentes culturas, ou seja, as maneiras e as opiniões particulares de uma época ou país. E, por causa dessas diferenças no gosto, afirma que o padrão só existe quando juízes verdadeiros dão um veredito conjunto.